



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE ESTUDOS COSTEIROS
FACULDADE DE CIÊNCIAS NATURAIS**

**(DES)FAZER O CORPO: experimentações com imagens na formação inicial de
professores de Ciências e Biologia**

AFONSO SANTIAGO DA SILVA

**BRAGANÇA – PA
2026**

AFONSO SANTIAGO DA SILVA

(DES)FAZER O CORPO: experimentações com imagens na formação inicial de professores de Ciências e Biologia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Naturais, Instituto de Estudos Costeiros, Campus de Bragança, como requisito para obtenção do título de graduação em Licenciatura em Ciências Naturais.

Orientador: Prof.^a Dr.^a. Dhemersson Warly Santos Costa

**BRAGANÇA-PA
2026**

AFONSO SANTIAGO DA SILVA

(DES)FAZER O CORPO: experimentações com imagens na formação inicial de professores de Ciências e Biologia

Trabalho de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Naturais, Instituto de Estudos Costeiros, Campus de Bragança, como requisito para obtenção do título de graduação em Licenciatura em Ciências Naturais.

Orientador: Prof.^a Dr.^a. Dhemersson Warly Santos Costa

Data da Defesa Pública: 22/07/2026

Banca Examinadora

Prof. Dr. Dhemersson Warly Santos Costa (Orientador)
Instituto de Estudos Costeiros/Universidade Federal do Pará

Profa. Dra. Priscilany Cavalcante dos Santos (Examinador interno)
Instituto de Estudos Costeiros/Universidade Federal do Pará

Prof. Msc. Victor Luiz Damaceno (Examinador Externo)
Secretária de Educação do Estado do Pará -SEDUC/PA

Às minhas mães, Andreli Cristina Ribeiro Santiago (in memoriam) e Arlinda Farias, por serem meu maior exemplo de amor, força e coragem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me conceder força, sabedoria e coragem para enfrentar os desafios ao longo dessa caminhada, guiando meus passos e permitindo que eu alcançasse este momento.

À minha mãe, Andreli Cristina Ribeiro Santiago (in memoriam) que, mesmo não estando mais presente fisicamente, permanece viva em minhas lembranças e em tudo o que me ensinou. Seu exemplo de luta, coragem, amor e determinação foi fundamental para a formação da pessoa que sou hoje e continuará sendo minha maior inspiração.

À minha mãe-avó, Arlinda Farias, que me criou com amor, dedicação e cuidado. Seu apoio incondicional, seus ensinamentos e todos os esforços que fez ao longo da minha vida foram essenciais para que eu pudesse chegar até este momento. Esta conquista também é sua.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Dhemersson Warly Santos Costa, pela dedicação, paciência e orientação durante o desenvolvimento deste trabalho. Seus conhecimentos, contribuições e incentivo foram fundamentais para a realização desta pesquisa.

Aos meus colegas de curso, pela parceria, amizade e pelos momentos compartilhados ao longo da graduação. Em especial, à minha amiga Geovana Farias, que esteve ao meu lado desde o início dessa caminhada. Nossa parceria foi construída com companheirismo, apoio mútuo e incentivo nos momentos mais desafiadores, tornando essa trajetória mais leve e significativa.

Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para minha formação acadêmica, profissional e pessoal. Levo comigo cada aprendizado, incentivo e experiência vividos ao longo dessa jornada.

RESUMO

Este artigo problematiza as narrativas sobre o corpo presentes nos livros didáticos de Ciências e Biologia, compreendendo-os como artefatos culturais atravessados por discursos que produzem modos de ver, sentir e significar os sujeitos. Fundamentada nos Estudos Culturais, em uma perspectiva pós-estruturalista, a pesquisa assume a experimentação com imagens como procedimento teórico-metodológico para tensionar narrativas hegemônicas. A investigação foi realizada em um curso de formação inicial de professores de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Pará, campus Bragança, por meio da oficina “(Des)fazer o corpo”, na qual licenciandos produziram intervenções imagéticas a partir de corpos representados em livros didáticos. As experimentações evidenciaram processos de invisibilização e estigmatização de corpos dissidentes, especialmente corpos-gordos, corpos-pretos e corpos-deficientes. Ao criar outras visualidades, os participantes produziram deslocamentos nas formas de narrar o corpo, ampliando possibilidades de existência. Defende-se que práticas de criação com imagens na formação docente podem constituir espaços de resistência aos discursos hegemônicos e contribuir para um ensino de Ciências e Biologia comprometido com a pluralidade, a diversidade e a inclusão.

Palavras-chave: Corpo. Livro didático. Estudos Culturais. Formação docente. Ensino de Ciências e Biologia.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	08
ANEXO 1 - ARTIGO.....	09

APRESENTAÇÃO

Este trabalho foi desenvolvido na disciplina Educação e Pluralidade Cultural no Ensino de Ciências e Biologia, do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Bragança, como parte das atividades propostas ao longo da formação acadêmica.

O presente estudo, em atenção à Resolução 05/2025/IECOS/UFPA, será apresentado em formato de Artigo Científico, na modalidade “Submissão de artigo em periódico científico em coautoria com docente da UFPA” (Art.5º, inciso VI).

O texto será submetido ao periódico “InterMeio: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação”, da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, na seção dossiê, em especial a chamada aberta: **“Paisagens em disputa: Estudos Culturais em Educação e modos de pesquisar”**, podendo as normas, assim como a chamada para dossiê, serem consultadas em <https://periodicos.ufms.br/index.php/intm/announcement/view/513>. Assim, o texto será apresentado de acordo com as normas da revista.

Nesse sentido, o estudo intitulado "(Des)fazer o corpo: experimentações com imagens na formação inicial de professores de Ciências e Biologia" aborda reflexões sobre as representações do corpo nos livros didáticos de Ciências e Biologia, problematizando os padrões hegemônicos presentes nesses materiais e discutindo possibilidades de construção de práticas pedagógicas mais inclusivas e sensíveis à diversidade.

O objetivo do trabalho é problematizar as representações dos corpos presentes nos livros didáticos e compartilhar experiências de criação e experimentação com imagens desenvolvidas durante a disciplina, evidenciando a importância da valorização da pluralidade dos corpos na formação inicial de professores de Ciências e Biologia. As atividades realizadas possibilitaram reflexões críticas sobre diferentes formas de representação corporal, contribuindo para uma formação docente comprometida com a inclusão, a diversidade e o respeito às diferenças.

Espera-se que este estudo contribua para ampliar as discussões acerca das representações do corpo no ensino de Ciências e Biologia, incentivando práticas pedagógicas que valorizem a pluralidade e promovam uma educação mais crítica, democrática e inclusiva.

ARTIGO

(DES)FAZER O CORPO: experimentações com imagens na formação inicial de professores de Ciências e Biologia

Resumo

Este artigo problematiza as narrativas sobre o corpo presentes nos livros didáticos de Ciências e Biologia, compreendendo-os como artefatos culturais atravessados por discursos que produzem modos de ver, sentir e significar os sujeitos. Fundamentada nos Estudos Culturais, em uma perspectiva pós-estruturalista, a pesquisa assume a experimentação com imagens como procedimento teórico-metodológico para tensionar narrativas hegemônicas. A investigação foi realizada em um curso de formação inicial de professores de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Pará, campus Bragança, por meio da oficina “(Des)fazer o corpo”, na qual licenciandos produziram intervenções imagéticas a partir de corpos representados em livros didáticos. As experimentações evidenciaram processos de invisibilização e estigmatização de corpos dissidentes, especialmente corpos-gordos, corpos-pretos e corpos-deficientes. Ao criar outras visualidades, os participantes produziram deslocamentos nas formas de narrar o corpo, ampliando possibilidades de existência. Defende-se que práticas de criação com imagens na formação docente podem constituir espaços de resistência aos discursos hegemônicos e contribuir para um ensino de Ciências e Biologia comprometido com a pluralidade, a diversidade e a inclusão.

Palavras-chave: Corpo. Livro didático. Estudos Culturais. Formação docente. Ensino de Ciências e Biologia.

Introdução

As experiências pedagógicas que produzimos em sala de aula não só devem ser escritas, como também compartilhadas. Não é necessário que sejam grandiosas, tampouco que assumam uma posição de modelo, ao contrário, são narradas apenas pela condição de uma celebração aos encontros que deram a pensar e a viver de outros modos. Então, o que compartilhamos nesse artigo são exercícios de experimentação com imagens em um curso de licenciatura em Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Pará, campus Bragança, no nordeste paraense.

As experimentações são provocadas pela problemática dos saberes que constituem o corpo no ensino de Ciências e Biologia, tomando como inspiração teórica e metodológica os Estudos Culturais, em conexões com as vertentes pós-estruturalistas. De acordo com Costa e Xavier (2009, p. 970), esse campo teórico “tem buscado, em suas análises, caracterizar objetos de estudo – vídeos, livros, revistas,

gibis, panfletos, internet, jogos, músicas, etc - como artefatos culturais, isto é, como resultados de processos de construção social” que são atravessados por um “conjunto de práticas discursivas e não discursivas que ao longo da história tem nos ensinado a ver e não ver, gostar e desgostar, aprovar e reprovar, sentir e ser indiferente às coisas, situações e pessoas” (Chaves, 2016, p. 218), assim como admirar e odiar.

Assim, os artefatos culturais não apenas reproduzem discursos que permeiam o seio social, eles também produzem o sujeito, fabricam modos de ver, sentir e pensar o mundo, como explica Quadrado e Ribeiro (2005, p.1), os artefatos culturais “atuam na (re)construção de identidades e também é constituído por elas; ele forja e é forjado por essas identidades”.

Nesse sentido, problematizamos o livro didático de Ciências e Biologia como um artefato cultural, como “uma invenção, que se constituiu, e se constitui, na correlação de múltiplos elementos sociais” (Costa; Xavier, 2009, p. 970), particularmente atravessado por matrizes epistemológicas de referência eurocêntrica, homogênea e normativa (Rodrigues; Leite, 2021; Ayres; Brando, 2021; Lago, 2023; Gonzaga, 2025) que reproduzem aquilo que Chimamanda Ngozi Adichie (2019) descreve como “uma história única” em detrimento de outras tantas narrativas que são produtos da experiência individual ou dos coletivos dissidentes que estão situadas às margens dos saberes hegemônicos.

Dentre as muitas práticas discursivas e não discursivas que povoam o livro didático de Ciências e Biologia, a presente pesquisa se debruça sobre as questões do corpo, sobre as narrativas que atravessam sua construção para legitimar o corpo ideal, “levando-se em consideração o modelo de sociedade que se pretende produzir e reproduzir” (Tavares; Chaves, 2015, p. 9), ou seja, o corpo do homem que é branco, hétero, eurocentrado, magro, saudável e jovem (Chaves, 2016; Lima, 2021; Silva, 2023).

Esse corpo normativo é projetado em diferentes linguagens discursivas e não discursivas no interior das páginas que compõem o livro didático de Ciências e Biologia. Interessa, particularmente, problematizar as imagens entendendo-as como uma “produção própria da cultura escolar e não uma simplificação ou adaptação dos textos científicos para fins de ensino” (Neto; Selles; Valiente, 2022, p.834), uma espécie de trama discursiva orientada por uma epistemologia hegemônica, com seus valores e princípios morais situados socialmente, que não apenas reproduz o corpo

ideal, ao optar por uma única narrativa também promove o apagamento das multiplicidades de formas de ver, pensar e sentir o corpo.

O corpo é uma arena de disputas epistêmicas, estéticas e políticas, mas que tradicionalmente, no ensino de Ciências e Biologia, vem sendo narrado por uma perspectiva essencialmente mecanicista e biológica. Contudo, na esteira dos Estudos Culturais, o corpo não é imutável, um produto pronto e acabado; ele é maquinado como “uma construção discursiva, uma construção cultural, que vai além da materialidade biológica” (Quadrado; Ribeiro, 2005, p.1).

Sendo assim, os sentidos atribuídos a um ideal de corpo (homem, branco, hétero, eurocentrado, magro, saudável e jovem) são produzidos no tempo e no espaço, ou seja, as características fenotípicas que uma sociedade exprime como desejáveis não são necessariamente as mesmas quando contrastadas com diferentes contextos geográficos, assim como em relação a outros períodos da história (Chaves, 2016), o que nos leva a questionar: se os sentidos do corpo são produzidos pela sociedade, por que não produzir sentidos mais diversos, plurais e múltiplos? Se o corpo ideal é inventado, por que não desfazemos as narrativas hegemônicas para ampliar nossas percepções, atribuindo ao corpo outras matizes, outras sexualidades, outros gêneros, outras etnias?

Condizentes com essas questões, entendemos que se o livro didático é maquinado por essas configurações de corpo, mas isso não quer dizer que esse mesmo livro não possa ser posto em variações, que outros corpos não possam ser experimentados, inventados e criados, que haja uma insurreição de corpos: corpo-negro, corpo-trans, corpo-indígena, corpo-gordo, corpo-deficiente, entre tantas outras formas de pertencer à vida, afinal, como diz Adichie (2019), quanto mais histórias conhecemos, quanto mais diversas forem as narrativas que nos atravessam, maior e mais complexa será nossa compreensão do mundo. Portanto, quanto mais corpos forem narrados no livro didático, mais diverso e plural será o ensino de Ciências e Biologia.

Diante desse contexto, esta pesquisa justifica-se pela necessidade de problematizar as representações hegemônicas do corpo presentes nos livros didáticos de Ciências e Biologia, compreendidos como artefatos culturais que produzem e difundem discursos sobre identidades e diferenças. Ao evidenciar a predominância de corpos normativos e a invisibilização da diversidade, busca-se contribuir para uma formação inicial de professores mais crítica e sensível às múltiplas formas de

existência, favorecendo práticas pedagógicas que valorizem a pluralidade e promovam um ensino de Ciências mais inclusivo e representativo.

Nesse sentido, o presente artigo objetiva problematizar as narrativas que atravessam o corpo nos livros didáticos de Ciências e Biologia e partilhar alguns exercícios de experimentação e criação com imagens em um curso de formação inicial de professores.

A formação inicial de professores de Biologia, nesse sentido, é um campo estratégico para provocar mudanças nos modos como a sociedade se relaciona com a ideia de corpo ideal, considerando que esses profissionais estão habilitados para atuar tanto nos anos finais do Ensino Fundamental, quanto no Ensino Médio. Partindo do pressuposto de que as concepções dos professores não estão dissociadas da sua prática docente, promover espaços sensíveis de problematização, criação e experimentação é uma forma de ampliar suas visões de mundo, sensibilizando-os para a importância de levar para a educação básica, para os cotidianos escolares, formas mais plurais e diversas de ver, perceber e sentir o corpo.

Percurso metodológico

Inspirada nos procedimentos teórico-metodológicos que animam o campo dos Estudos Culturais, na vertente pós-estruturalista, a presente investigação caracteriza-se como de natureza qualitativa (Minayo; Costa, 2019), assumindo a pesquisa-experimentação (Wunder; Marques; Amorim, 2016) como fio condutor dos processos de criação com imagens a partir da problematização das narrativas hegemônicas do corpo que fundamentam os livros didáticos de Ciências e Biologia.

Pesquisar os processos de experimentação com imagens requer, inicialmente, fazer algumas provocações acerca da própria noção de imagem. Amorim (2004) destaca dois sentidos distintos, a imagem-representação e a imagem-movimento. Na primeira, a imagem é tomada como uma linguagem estática que tende a reproduzir um único discurso e uma única verdade, carregando a pretensão de explicar determinado saber e de estabelecer regras e condutas. Na perspectiva de Michel Foucault (1996), o discurso não se restringe à linguagem, mas constitui um conjunto de práticas que produzem saberes, estabelecem regimes de verdade e definem o que pode ser dito, pensado e representado em determinado contexto histórico. Assim, os discursos também atuam na produção de formas de compreender os corpos e as diferenças, legitimando determinadas representações em detrimento de outras. Por

exemplo, nos livros didáticos de Ciências há imagens pré-definidas do corpo masculino, feminino, saudável, brasileiro, amazônida, entre tantos outros, assim como há atitudes esperadas para cada um, por exemplo, homens brancos aparecem em contextos de posição de sucesso, sendo cientistas, enquanto pessoas “gordas” aparecem para exemplificar problemas relacionados à saúde humana ou quando imagens de pessoas com deficiências físicas são usadas apenas para explicar disfunções do sistema nervoso. Nessa perspectiva, as imagens “apenas servem ao ensino de biologia para representar/apresentar imagens mentais, um mundo real ou verdades instituídas do sensível” (Iwakami; Nascimento; Wunder, 2025, p. 250).

A imagem-movimento, por outro lado, é da ordem dos acontecimentos, é um modo de pensar as imagens a partir de suas próprias forças (Damasceno, 2021), daquilo que ela dá a pensar, das diferenças que faz saltar, das insurreições que provoca ao introduzir outros modos de existir, outras narrativas do corpo, “não como representação da coisa por intermédio de uma imagem mental, podendo ser ela mesma substituída por um conjunto de signos; mas ela é expressão, ou seja, produção e constituição da coisa. Ela se explica” (Amorim, 2004, p. 41).

Adicionalmente, pensamos a imagem por seu inacabamento, como propõem Dussel *et al.* (2010). Para os autores, a imagem nunca está acabada, pronta, encerrada nela mesma, uma imagem é uma abertura aos sentidos, podendo sempre ser problematizada, remontada, reestruturada. Diante de um livro didático de Ciências, cabe ao professor o uso das imagens, assim como suas desconfigurações, para exprimir os sentidos e os saberes sobre o corpo.

É com a noção de imagem-movimento-inacabamento que realizamos oficinas, em um curso de licenciatura em Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Pará, campus de Bragança, no nordeste paraense, sobre criação com imagens a partir de livros didáticos de Ciências (anos finais do ensino fundamental) e Biologia (ensino médio).

As oficinas aconteceram durante as atividades da disciplina “Educação e Pluralidade Cultural no ensino de Ciências e Biologia”, ministrada no primeiro semestre de 2026, e contaram com a participação de 35 estudantes da Licenciatura em Ciências Biológicas. Para a condução das atividades, foram propostos dois momentos: i) discussões sobre representação do corpo em quatro livros didáticos, sendo três de Ciências do Ensino Fundamental e um de Biologia do Ensino Médio, com duração média de duas horas. Os alunos foram convidados a folhear os livros

didáticos e, posteriormente, escolher uma imagem que mais chamou a atenção. Durante a socialização, percebeu-se que os modelos anatômicos do corpo humano repetiam certos padrões: corpo do homem branco, hétero, magro, saudável e eurocentrado, o que corroborava a perspectiva teórica dos Estudos Culturais, que denunciavam essa narrativa única (Adichie, 2019) do corpo (Quadrado; Ribeiro, 2005); ii) após a discussão inicial, os discentes foram provocados a experimentar a criação de outros corpos a partir daqueles recortes que eles selecionaram do livro didático de Ciências ou Biologia. Esse exercício experimental foi chamado de “(Des)fazer o corpo” e teve como questão problematizadora: Como criar o meu corpo no livro didático de Ciências ou Biologia?

Durante o desenvolvimento das oficinas, foram adotados os cuidados éticos necessários à realização da pesquisa, preservando o anonimato dos estudantes e assegurando que as representações imagéticas utilizadas neste artigo não permitissem sua identificação. As produções foram utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos e de divulgação científica, respeitando a privacidade dos participantes.

Entre recortes, papéis, canetinhas, tesouras, giz de cera e aquarelas, os discentes foram borrando, apagando, desenhando, margeando, alargando, pintando outros corpos, outras cores. Ao final, esses livros de Ciências ou Biologia que até então reproduzia um corpo ideal, um único modo de pertencer à vida, estava povoado por uma multiplicidade de corpos historicamente marginalizados, silenciados e apagados.

Com vistas à apresentação das experimentações imagéticas, organizamos três blocos de imagem-corpo, que surgiram a partir desse processo criativo: corpo-gordo¹, corpo-preto² e corpo-deficiente³. Outros corpos também foram criados, como o corpo-indígena, corpo-trans, entre outros. Neste artigo, porém, apresentaremos apenas três conjuntos imagéticos, por terem aparecido com maior frequência nas representações elaboradas pelos estudantes a partir dos conteúdos de puberdade, sistema nervoso, tecido muscular, sistema linfático, sistema circulatório e sistema sensorial presentes nos livros didáticos.

¹ Estamos chamando aqui de corpo-gordo, todas as formas de corpo que não performam os padrões de magreza e musculatura esperado para homens e mulheres em nossa sociedade.

² Estamos chamando aqui de corpo-preto todas as formas de corpo representadas por pessoas negras, identificadas por características fenotípicas, como cor da pele, traços faciais e textura do cabelo.

³ Estamos chamando aqui de corpo-deficiente todas as formas de corpo representadas com deficiência física, visual, auditiva ou por meio de recursos de acessibilidade, como cadeira de rodas, bengala e próteses.

Essas imagens-experimentações mais do que representar o real, colocam em perspectiva todo um sistema moral de julgamento do corpo e da vida que atravessa os livros didáticos de Ciências e Biologia. Por isso, a pesquisa não pretende analisar discursivamente o que as imagens “querem dizer”, antes faz uma travessia pelas questões que elas suscitam, os ruídos que provocam, os abalos que instauram em “certas configurações políticas, epistemológicas, ontológicas, estéticas e éticas que instituem aquilo que pode ser visto, ouvido, sentido, admirado e odiado nas ruínas de nosso mundo” (Iwakami; Nascimento; Wunder, 2025, p. 250).

Resultados e Discussões

No campo dos Estudos Culturais, diversos estudos (Macedo, 2004; Quadrado; Ribeiro, 2005; Bandeira; Velozo, 2019) problematizam a ideia de que o livro didático não é neutro, não se trata somente de conteúdos e ilustrações científicas desprovidas de interesses pessoais e coletivos, afinal ele é a soma de um conjunto de escolhas, logo é possível não apenas analisar, nesses artefatos culturais, quais conteúdos e imagens são essenciais para uma sociedade, mas também problematizar os interesses políticos por trás dessas escolhas, assim como as ausências e os silenciamentos de determinados corpos e saberes. Ora, por que este saber deve ser ensinado e não aquele? O que essa imagem quer dizer? O que levou alguém a optar por um padrão de imagens para representar o corpo humano?

Os artefatos culturais estampam os sonhos de uma nação, isto é, os modos de ser e viver esperados para aquela sociedade. De acordo com Quadrado e Ribeiro (2005, p. 3), “cada cultura funciona como um corpo social que produz corpos individuais”. Nesse sentido, os livros didáticos exprimem determinados discursos que também nos constituem; “nos tornamos sujeitos a partir de tais representações culturais, elas delimitam e habilitam o que podemos ser” (Quadrado; Ribeiro, 2005, p. 4).

O corpo, nos livros didáticos de Ciências e Biologia, não deixa de ser uma narrativa do “corpo universal, que tem um padrão hegemônico, que se repete independentemente de classe, raça, etnia, credo, língua, geração, imagens estereotipadas” (Costa; Xavier, 2009, p. 972). Em decorrência dessas narrativas oficiais, é “natural que os/as alunos/as não se identifiquem com o corpo que lhes é apresentado na escola, uma vez que as abordagens silenciadas por esta instituição

podem ser encontradas em inúmeros outros espaços e com um apelo muito mais forte” (Quadrado; Ribeiro, 2005, p. 4).

Por isso, enquanto professores de Ciências e Biologia, não podemos nos render às narrativas hegemônicas do corpo ideal, porque elas servem apenas para impor limites, para controlar, punir e trazer dor e sofrimento aos corpos dissidentes. É urgente que se instaurem práticas coletivas que não apenas problematizem o corpo universal, mas que criem espaços de criação e experimentação de outros tantos corpos que, embora silenciados no livro didático, habitam o espaço escolar. Para além disso, produzir momento de criação onde o sujeito possa narrar a si mesmo.

Ademais, na esteira dos Estudos Culturais, entendemos que o corpo é uma produção social situada no tempo e na história, onde “cada sociedade, em seu tempo histórico, elege determinadas partes do corpo como relevantes para conferir inteligibilidade aos indivíduos” (Almeida, 2019, p.2). Louro (2000) questiona, por exemplo, por que determinadas características como órgãos genitais, cor da pele e excesso de tecido adiposo são tão importantes para nossa sociedade, enquanto o tamanho do pé ou formato da orelha parece ter pouca relevância. O que está em perspectiva, segundo a autora, é que os discursos produzem sentidos para o corpo, atribuindo valor a algumas características fenotípicas em detrimento de outras.

Nesse sentido, o que apresentamos a seguir são exercícios experimentais de licenciandos em Biologia, com imagens de corpos em livros didáticos de Ciências e Biologia, motivados pela provocação “Que corpo cabe no livro didático?”, mas também pelo entendimento de que o corpo ideal é uma invenção social, portanto, podemos inventar um outro corpo, borrar suas formas, alargar seus limites, esgarçar seus membros e tonalizá-lo com outras cores e texturas.

Experimentações com o “Corpo-gordo”

Se o corpo é uma produção cultural (Louro, 2000), situado no tempo e na história, resta questionar: que corpo vem sendo narrado para atender aos anseios do nosso tempo e da nossa sociedade? Em especial, em relação à forma, que corpo é determinado como ideal?

Chaves (2016, p. 219) diz que “esse corpo ideal – que já foi gordo e sedentário (o corpo do rei) agora é magro, musculoso e bem nutrido”. Essa narrativa do corpo não percorre apenas os espaços midiáticos ou as relações sociais, ela está implicada

em diferentes instâncias da vida subjetiva atravessando, inclusive, a escola e os artefatos culturais que dela fazem parte. Tais implicações contribuem para a propagação de discursos sobre as representações de diferentes corpos humanos.

Nesse sentido, o corpo “gordo” é atravessado, nos livros didáticos de Ciências, por processos de *invisibilização*, quando consideramos que as ilustrações da anatomia do corpo humano trazem sempre o corpo magro como referência; e *estigmatização*, uma vez que esse corpo é narrado sempre em contextos específicos para problematizar a obesidade, o sedentarismo, as doenças crônicas, a desregulação do sistema endócrino, falta de autocuidado, compulsão alimentar, entre outras patologias, o que também vem sendo observado por Almeida (2019, p.7), que explica que o corpo gordo é “frequentemente relacionado às questões biomédicas, onde prevalecem discursos científicos sobre saúde, prevenção e tratamento de obesidade”.

Questões dessa ordem vêm sendo problematizadas na literatura científica do campo do Ensino de Ciências e Biologia. Maronn e Rigo (2022), por exemplo, conduziram um estudo de análise discursiva do corpo humano (em livros didáticos de ciências dos anos finais do Ensino Fundamental) e notaram que tanto as imagens quanto os textos eram alimentados por uma narrativa científica segundo a qual o corpo é pensado somente por seus atributos biológicos, apresentando padrões de normalidade e limitação nos aspectos socioculturais e afetivos. Estudos semelhantes com livros didáticos de Ciências e Biologia foram produzidos por Costa e Brito (2018), Brito e Costa (2023) e Silva e Sá-Silva (2024) que, além de problematizar a hegemonia do corpo estritamente biológico, apontam que nesses artefatos culturais há pouca variação dos corpos, sendo necessários introduzir outras formas de narrar o corpo.

Há também estudos que problematizam o corpo no ensino de Ciências e Biologia em contextos escolares mais amplos, para além do livro didático, como é o caso de Almeida (2019), Souza e Gonçalves (2020) e Paranhos e Jimenez-Jimenez (2023), que discutem, cada um ao seu modo, como a Ciência e a Biologia, por meio de suas narrativas, podem contribuir com processos de estigmatização e violência, bem como evidenciam a necessidade de introduzir nos currículos dessas disciplinas a dimensão cultural que faz parte do corpo humano.

É importante destacar que essas formas de narrar o “corpo gordo” no livro didático de Ciências, seja pela invisibilização das diferenças, seja pela estigmatização, contribuem para a produção e a manutenção de discursos normativos sobre os corpos

que podem se desdobrar, no contexto escolar, tanto em experiências de não pertencimento, inadequação e sofrimento subjetivo, quanto em práticas discriminatórias, como o bullying e a gordofobia.

Nesse sentido, o corpo gordo, no ambiente escolar, é frequentemente objeto de discriminação mediante práticas rotineiras de insultos, apelidos pejorativos, exclusão das interações sociais e outras formas de violência simbólica e física (Paranhos; Jimenez-Jimenez, 2023). Essas experiências não apenas comprometem as relações de convivência e o sentimento de pertencimento à vida, como também produzem efeitos na saúde mental, favorecendo o desenvolvimento de ansiedade, baixa autoestima, insatisfação corporal, sofrimento psíquico e sintomas depressivos (Souza; Gonçalves, 2020).

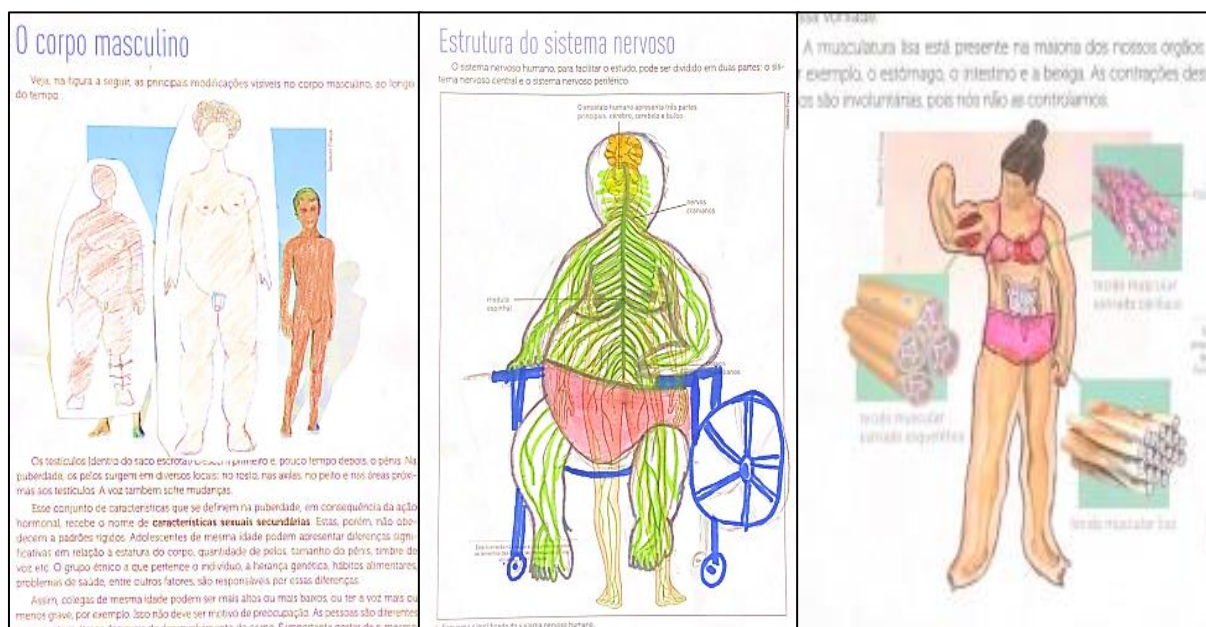
Dados como esses podem ser observados nos estudos de Maftum et al (2021), concluíram que quase 25% (1 a cada 4) das crianças e adolescentes com excesso de peso apresentaram alto risco para distúrbios emocionais e psicossociais. Além disso, dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), elaborada em 2024 e divulgada em 2026, apontam que entre os motivos relacionados à ocorrência de bullying no ambiente escolar, a aparência do corpo ocupa o segundo lugar da prevalência, cerca de 24,7% (IBGE, 2026).

Durante a oficina “(Des)fazer o corpo”, essas questões foram apresentadas pelos discentes que, ao folhear o livro didático, perceberam tanto a ausência do “corpo gordo” como a associação estrita aos discursos patológicos. Entrelaçando essas ausências e estigmas, aos poucos as experiências individuais e coletivas foram sendo postas na discussão, fragmentos e retalhos de memórias de tempos escolares foram chegando. Mas para além da percepção, questões de ordem prática também foram suscitadas, como a produção de livros didáticos mais diversos e a insurgência de uma formação de professores capazes de incorporar outras formas de narrar o corpo, não apenas a perspectiva biológica.

Com esses sentimentos todos permeando o espaço da oficina, alguns discentes sentiram necessidade de trazer esse corpo para o livro didático nos contextos de ilustrações científicas da anatomia humana, não para reforçar a doença e o estigma, mas para trazer visibilidade, o que também não deixou de ser um exercício íntimo de escrita de si (Foucault, 2004), um gesto político e estético de fazer com que o ensino de Ciências e Biologia de fato ensine sobre a vida em sua completude, não apenas por lentes biologizantes e normativas.

Assim, com canetinhas coloridas, corpos foram alargados, as simetrias foram borradas, curvas e volumes foram margeados sobre um corpo magro, belo, padrão e saudável, o que nasce daí é o corpo “gordo” (Bloco de imagens I), um corpo experimentando outras narrativas, como uma espécie de grito, como quem diz “Eu existo”.

Quadro de imagens 1 – O corpo-gordo



Fonte: arquivo pessoal dos autores.

Dar vazão às narrativas imagéticas de corpos “gordos” em livros didáticos de Ciências e Biologia, por meio da desmontagem do corpo padrão, não é uma tentativa de instituir um regime de verdade. Trata-se, antes, de problematizar os discursos que, historicamente, produziram determinados corpos como norma e outros como desvio. Conforme discutem Arandas (2023) e Souza (2021), esses discursos reforçam processos de estigmatização e exclusão que impactam a constituição da subjetividade e as vivências de crianças e adolescentes. É, portanto, uma questão de ampliar os horizontes, os limites e as fronteiras do corpo, reconhecer a pluralidade das experiências corporais e problematizar os mecanismos de normalização que fundamentam processos de invisibilização, estigmatização e exclusão.

Nesse sentido, trazer essas experimentações para professores em formação inicial possibilita ampliar as formas de ver, sentir e compreender os corpos para além dos padrões biomédicos e estéticos que são reproduzidos nas narrativas científicas dos livros didáticos. Para além da denúncia à invisibilização ou patologização dos

corpos gordos nos livros didáticos, as experimentações com as imagens dão a pensar em formas plurais de ver, perceber e sentir o corpo, uma prática pedagógica que desestabiliza discursos normativos historicamente consolidados nos cursos de licenciatura em Ciências Biológicas, abrindo o campo formativo para a desestabilização das narrativas opressoras do corpo saudável, belo e aceitável socialmente, assim como para a sensibilização do professor sobre essas questões.

Experimentações com o “corpo preto”

O “corpo preto” foi uma das experimentações com imagens que surgiram durante os exercícios de (des)fazer o corpo. Ao analisar os livros didático de Ciências e Biologia, buscando encontrar fragmentos de si mesmo nas imagens, percebeu-se que a branquitude não estava restrita às páginas, mas também nas formas de narrar o corpo. Por exemplo, as ilustrações científicas utilizadas para ensinar sobre anatomia, a fisiologia e o funcionamento do organismo humano são sempre coloridas a partir de uma matriz única, como se a branquitude fosse a expressão universal da espécie humana.

Durante a oficina foi possível constatar que quando pessoas negras aparecem nos livros didáticos de Ciências e Biologia, frequentemente são vinculadas a contextos específicos, como as desigualdades sociais, determinadas doenças ou discussões sobre diversidade étnico-racial, restringindo sua existência a narrativas marcadas pela diferença.

Diversos estudos da literatura científica vão ao encontro das percepções dos discentes, como é o caso da pesquisa desenvolvida por Neto, Selles e Valiente (2022) sobre a representação de corpos negros em coleções didáticas de Ciências. Segundo os autores, apenas 12% das imagens eram de corpos negros, o que demonstra uma sub-representação em detrimento dos corpos brancos como referência visual. Dados semelhantes foram encontrados por Barros e Silva (2025), ao constar que no livro de Ciências “há 1,6 vezes mais representações de pessoas brancas do que negras, reforçando a sub-representação do povo negro e apresentando a branquitude como modelo civilizatório e humano a ser seguido para todas as outras raças/etnias” (Barros; Silva, 2025, p. 17).

Os dados coletados por Barros (2025), apenas com livros didáticos de ciências do 7ºano dos anos finais do ensino fundamental, são igualmente alarmantes. De

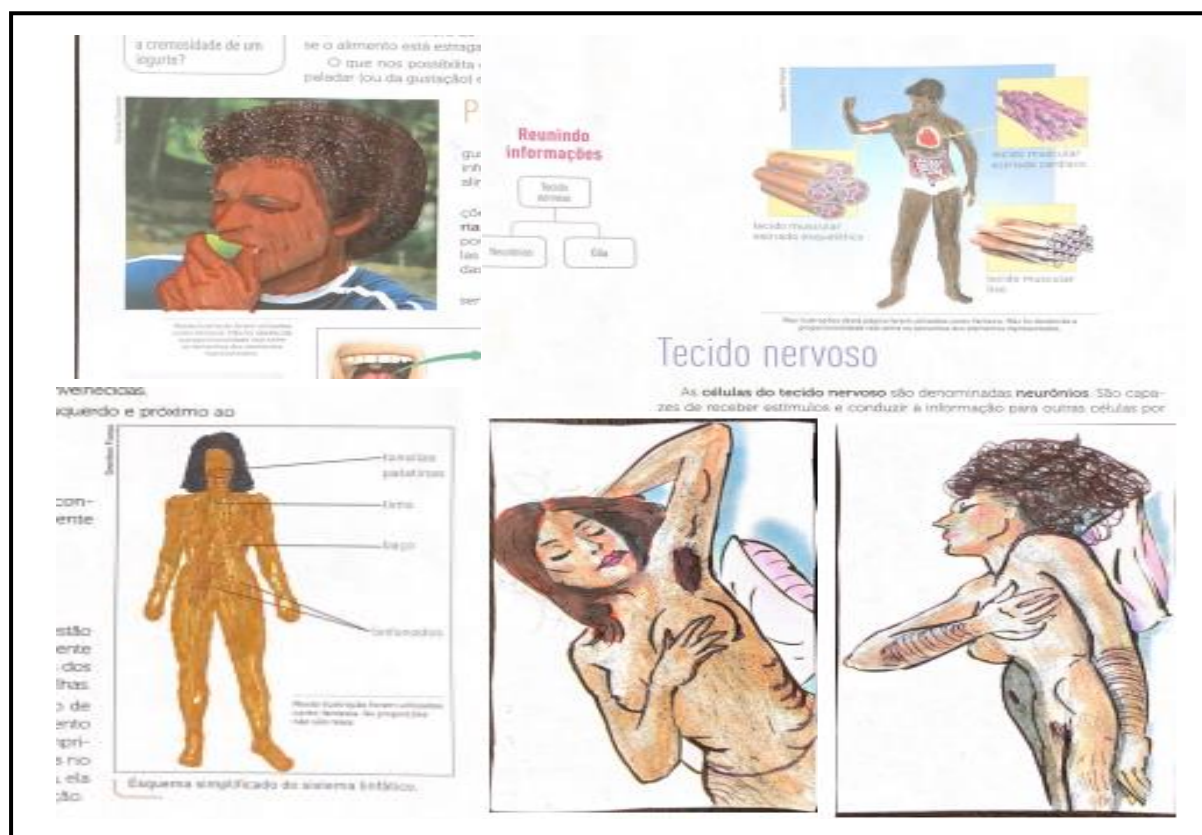
acordo com o autor, após uma extensa pesquisa quantitativa, constatou-se que “das 486 (quatrocentas e oitenta e seis) imagens humanas, 59,26% representam pessoas brancas e 40,74% pessoas negras, expondo privilégios simbólicos que contribuem para a invisibilização da população negra” (Barros, 2025, p. 61).

Em outro estudo, com foco no livro de Biologia, Jesus e Araujo (2025) analisaram o livro didático com o objetivo de capturar possíveis discursos hierárquicos raciais, ao final constataram que esse artefato cultural ainda é permeado por narrativas eurocentradas, tanto nas imagens quanto os textos, nos quais o “modelo de homem branco, bem como seus ideais europeus/ocidentais, conduziu toda a construção da coleção, ocupando posição de destaque (universalização)” (Jesus; Araujo, 2025, p. 18), reforçando a epistemologia eurocêntrica como norteadora do saber, invisibilizando corpos negros e silenciando as contribuições históricas de intelectuais, pesquisadores e comunidades negras para a produção do conhecimento científico.

Longe de constituir uma escolha neutra, as imagens de corpos pretos, assim como as ausências, dizem respeito à produção de modos de ver, compreender e dar sentido aos corpos, definindo quais vidas merecem visibilidade e quais permanecem à margem das narrativas científicas.

De acordo com Jesus e Araujo (2025), ao longo da história, a ciência não deixou de fazer conexões com distintas formas de diminuição da vida, como o racismo científico, o colonialismo e o eurocentrismo, que produziram a branquitude como referência de humanidade, racionalidade e civilização, relegando os corpos pretos à posição da diferença, da inferioridade ou da ausência.

Ainda que essas perspectivas estejam sendo problematizadas em diferentes contextos educativos, seus efeitos ainda persistem, causando dor e sofrimento. Durante a oficina “(Des)fazer o corpo”, os estudantes não deixaram de perceber problemáticas, pois elas atravessam, para muitos, algo que lhes é muito íntimo. Essas produções podem ser vistas no quadro 2.



Fonte: arquivo pessoal dos autores.

As imagens do quadro 2 não precisam ser explicadas; elas são narradas por uma necessidade, por uma vontade de deslocar o olhar, desnaturalizar a branquitude como única forma de ver, perceber e narrar o humano. Trazer outras tonalidades para o corpo no livro didático de Ciências e Biologia, principalmente em ilustrações de anatomia, fisiologia e demais conteúdos biológicos, pode ampliar o horizonte dos nossos sentidos sobre quem pode ocupar os espaços da ciência e ser reconhecido como sujeito do conhecimento. As experimentações, nesse sentido, fazem do livro didático de Ciências e Biologia um território de disputa política, colocando em evidência os silenciamentos produzidos pelas narrativas eurocentradas e abrindo espaço para outras formas de narrar a vida.

Experimentações dessa natureza, em cursos de licenciatura em Ciências Biológicas, são urgentes, uma vez que estes espaços são, historicamente, alimentados por epistemologias eurocentradas, por narrativas científicas contadas por homens, brancos, eurocentrados, heterossexuais. Mais do que problematizar, a oficina permitiu introduzir a vivência dos discentes e suas histórias nas discussões sobre o corpo humano, vivências que não deixam de funcionar como uma espécie de

saber, como uma epistemologia contra-hegemônica talhadas nas experiências existenciais, pelos sentidos exprimidos da própria vida, pois a formação docente, no âmbito dos estudos culturais, não se dá apenas nos espaços institucionais de produção do conhecimento, mas no encontro com memórias, afetos, experiências, assim como no livro didático, entre tantos outros artefatos culturais que, segundo Chaves (2016, p. 219), “nos circundam, atravessam, e fabricam como seres de cultura”.

Experimentações com o corpo-deficiente

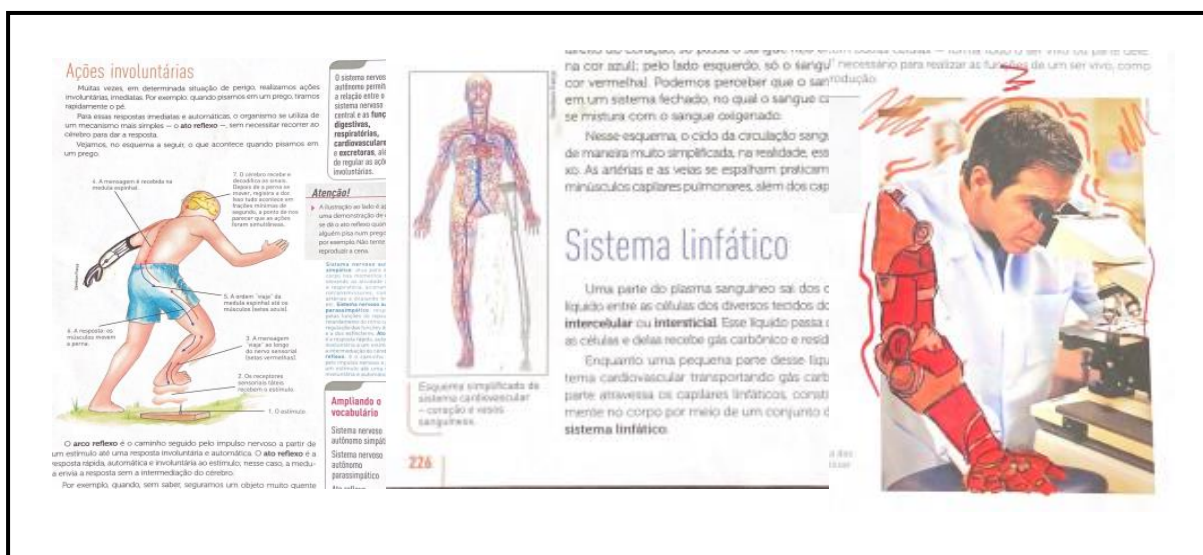
Entre as imagens criadas durante a oficina (Des)fazer o corpo, encontramos diversas referências ao corpo-deficiente, experimentado sob a condição de uma necessidade de narrar um corpo praticamente invisível nos livros didáticos de Ciências e Biologia, que aparece como exemplo, no livro didático do 6º ano dos anos finais do ensino fundamental, em conteúdos sobre lesões, doenças, alterações genéticas ou comprometimentos do sistema nervoso.

Essas percepções não surgem de modo isolado em nossa oficina; também são narradas na literatura científica da área, entre pesquisadores comprometidos politicamente com a problemática do corpo-deficiente. Camargo Hensch, Heerdt e Parrilha da Silva (2026) destacam, por exemplo, que os livros didáticos ainda reproduzem imagens excludentes da pessoa com deficiência, privilegiando um modelo de corpo idealizado e desconsiderando a diversidade de corpos que habitam os espaços sociais públicos, como a escola.

Silva (2024) percebeu, ao analisar os livros didáticos de Biologia do ensino médio, que neste artefato “há repetidas representações de cunho médico ou clínico, com uma inclinação marcante para diagnósticos, juntamente com a presença de estereótipos em relação às pessoas com deficiência” (Silva, 2024, p. 6).

Questões dessa natureza estiveram entre as motivações dos estudantes para a criação de corpos-deficientes em livros didáticos de Ciências e Biologia. Sobre os corpos considerados “normais”, desenharam cadeiras de rodas, próteses, órteses, bengalas e outras marcas da deficiência, como podemos verificar no quadro 3, deslocando o olhar para materialidades e corporalidades que os livros insistem em apagar.

Quadro de imagens 3– corpo deficiente



Fonte: arquivo pessoal dos autores.

Esse corpo-deficiente é experimentado entre composições e distorções de imagens para colocar em estado de suspensão uma narrativa marcada pelo silêncio, para trazer uma certa instabilidade às ideias cristalizadas de corpo “saudável” e “normal”, além de colocar em perspectiva a questão: por que uma pessoa com deficiência não pode aparecer em uma ilustração sobre sistema locomotor, alimentação, reprodução, esportes ou qualquer outro conteúdo que trate da vida cotidiana? O corpo-deficiente não faz parte da vida? Que vida é essa ensinada nas Ciências?

À luz dos Estudos Culturais, entende-se que esse silenciamento do corpo-deficiente não é uma coincidência; não está dissociado de discursos de normatização do corpo, assim como não deixa de produzir impactos negativos nas relações interpessoais (Diniz, 2007). Quando o livro didático reduz a pessoa com deficiência ao lugar das patologias, a existência desse corpo passa a ser condicionada por essa única perspectiva. Produz-se, assim, uma “pedagogia da normalidade” (Chaves, 2016), onde determinados corpos são narrados em contextos de ilustração, em casos de sucesso, na produção do conhecimento científico, enquanto o corpo-deficiente permanece restrito ao campo da exceção. A deficiência deixa de ser narrada como uma das múltiplas formas de existir para tornar-se um marcador daquilo que foge ao padrão esperado, daquilo que é digno de pena e de correção.

Essa invisibilização também compromete o reconhecimento da diversidade humana nos espaços educativos. Quando as pessoas com deficiência aparecem

apenas associadas às doenças, limitações ou patologias, reforçam-se estereótipos que dificultam a construção de uma educação inclusiva e o reconhecimento desses sujeitos como participantes da vida social em suas múltiplas dimensões. Além disso, a ausência de representações em situações cotidianas restringe as possibilidades de identificação dos estudantes com deficiência e limita a compreensão, por parte dos demais, de que a diferença constitui um aspecto inerente à pluralidade humana.

É nesse sentido que as experimentações com imagens ocupam um lugar de radicalidade nessa condição hegemônica de pensar e sentir o corpo, pois trazer esse corpo-deficiente em contextos inicialmente ocupados apenas por pessoas “normais”, por “corpos saudáveis”, implica narrar que o problema não está na deficiência em si, mas nas distintas formas como o corpo é narrado.

Em suma, o que as experimentações com o corpo-deficiente colocam em perspectiva é a urgência de trazer para o livro didático de Ciências e Biologia outras narrativas do corpo, pois nossa sociedade é plural, o corpo com deficiência faz parte da vida cotidiana, ele existe, vai à escola, aos parques, aos distintos espaços públicos, ele constitui um modo de vida singular, como tantos outros, um corpo que também é um arranjo de células, tecidos, órgãos e sistemas e que funciona segundo as mesmas leis universais da natureza. Insistir em narrativas únicas, em um único padrão de corpo, implica silenciar e repetir estigmas e preconceitos historicamente associados às pessoas com deficiência.

Nessa perspectiva, os cursos de formação inicial de professores são espaços profícuos para difusão dessas ideias. Esses profissionais serão responsáveis por conduzir atividades pedagógicas no interior da escola, lugar de encontros entre corpos e de celebração das diversidades, mas que também pode ser lugar de conflito e violência quando esse encontro não é mediado pela alteridade e pelo respeito às diferenças. O professor, portanto, pode ser esse mediador, esse interlocutor, mas para isso é preciso pensar o corpo para além do organismo, isso implica reconhecer que ele é também histórico e cultural.

Considerações Finais

A presente pesquisa é uma partilha das imagens produzidas durante a oficina (Des)fazer o corpo. Trata-se de um exercício de criação e experimentação com imagens no Ensino de Ciências, provocado como um manifesto radical contra uma

epistemologia hegemônica que se incumbiu de narrar o corpo. O que se propôs aqui, para além de problematizar determinados contextos e cenários, foi uma tentativa de experimentar o corpo, de fomentar o gesto criador que atravessa a ciência. Com isso, não há nenhuma intenção representativa por meio das imagens, de universalizar este ou aquele corpo, mas desfazer tonalidades, rabiscar contornos, borrar fronteiras, entre tantas outras técnicas de desfazer o corpo, para com isso trazer vitalidade para os corpos plurais.

A imagem que não pretende representar uma realidade fixa abre espaço para diferentes formas de narrar e compreender o corpo, possibilitando uma imersão na diferença e na criação de novos sentidos. As imagens são postas como trajetos e aberturas para um exercício outro do pensamento, de que é possível pensar outras narrativas do corpo em um curso de licenciatura em Ciências Biológicas, este espaço marcado pela hegemonia do conhecimento científico que faz do corpo um organismo puramente biológico. São necessários ruídos e desestabilizações dessas configurações de corpo que são narrados nos espaços formativos e nos artefatos culturais, pois eles instituem aquilo que pode ser visto, ouvido, sentido, admirado e odiado. Portanto, é urgente que nesses espaços e artefatos o corpo seja visto como plural, que as diferenças sejam ouvidas, que suas questões ecoem nos espaços políticos, que se ampliem os modos de sentir e que os diferentes modos de habitar o mundo sejam admirados.

Reafirma-se, portanto, a necessidade de ampliar as representações dos corpos nos espaços educativos e nos artefatos culturais. Nesse sentido, a formação inicial de professores pode contribuir para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas e críticas, favorecendo o reconhecimento da pluralidade dos corpos e o respeito às diferenças nos processos de ensino e aprendizagem.

Referências Bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, Lysia da Silva. Corpos que ensinam: gordofobia, educação e humanidades. In: XIII Semana de História, 1., 2019, Vitória. *Anais da Semana de História*, 1., 2019, Vitória: UFES, 2019, p. 1-20.

AMORIM, Antonio Carlos. Imagens e narrativas entrecortando a produção de conhecimentos escolares. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 25, n. 86, p. 37–56, abr. 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302004000100004>.

ARANDAS, Luciana Pionório Rocha de. A emergência de uma sociologia gorda como uma sociologia do transborde: implicações das corporalidades gordas para o pensamento contemporâneo. 2023. 171 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/32462>. Acesso em: 23 jul. 2026.

AYRES, Ariadne Dall'Acqua; BRANDO, Fernanda da Rocha. O olhar eurocêntrico no contexto escolar brasileiro. *Eventos Pedagógicos*, v. 12, n. 1, p. 177–191, 2021.

BANDEIRA, Andreia; VELOZO, Emerson Luís. Livro didático como artefato cultural: possibilidades e limites para as abordagens das relações de gênero e sexualidade no ensino de Ciências. *Ciência & Educação*, Bauru, v. 25, p. 1019–1033, 2019.

BARROS, D. M. A. Imagens do povo negro no livro didático de Ciências: uma análise afrocentrada por uma educação antirracista. *Revista Em Favor de Igualdade Racial*, v.1, n.1, p.1-15, 2025.

BARROS, D. M. A.; SILVA, G. C. Entre avanços e desafios: representação imagética da população negra nos livros didáticos de Ciências (6º ao 9º ano). *Debates em Educação*, v.1, n.1, p.1-15, 2025.

BRITO, Maria dos Remédios; COSTA, Dhemersson Warly Santos. Corpo: exercícios poéticos de si. *Aurora: Revista de Arte, Mídia e Política*, v. 16, n. 46, p. 94–113, 2023.

CAMARGO HENISCH, C. M.; HEERDT, B.; PARRILHA DA SILVA, J. A. (Re)pensando a representação de corpos humanos em materiais didáticos. *Revista Latinoamericana de Educación Científica, Crítica y Emancipadora*, [S. I.], v. 4, n. 2, p. 158–167, 2026. DOI: 10.5281/29545536.4599. Disponível em: <https://journalusco.edu.co/index.php/LadECiN/article/view/4599>. Acesso em: 14 jul. 2026.

CHAVES, Sílvia Nogueira. Um currículo para despertar adultos e adormecer crianças. In: CHAVES, Sílvia Nogueira. *Cultura e subjetividade: perspectivas em debate*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2016, v. 1, p. 215–226.

COSTA, Dhemersson Warly Santos; BRITO, Maria dos Remédios. O corpo em costura, corpo em abertura. *Revista Aleph*, v.1, n. 31, p.1-18, 2018.

COSTA, P. Ribeiro; XAVIER, M. Marques. Investigando os corpos nos livros didáticos de Ciências dos anos iniciais do ensino fundamental. *Enseñanza de las Ciencias*, n. Extra, p. 969–973, 2009.

DAMASCENO, V. Entre a individuação e o afecto: o corpo-imagem. In: BRITO, Maria dos Remédios; COSTA, Dhemersson Warly Santos (org.). *Composições com Deleuze: filosofia, arte e educação*. Belém: Editora do PPGARTES, 2021, v1, p. 6-15.

DINIZ, Débora. O que é deficiência. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos, 324).

DUSSEL, Inés; ABRAMOWSKI, Ana; IGARZÁBAL, Belén; LAGUZZI, Guillermina. *Aportes de la imagen en la formación docente: abordajes conceptuales y pedagógicos*. Buenos Aires: Instituto Nacional de Formación Docente, 2010.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos V: ética, sexualidade e política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. 3. Ed. São Paulo: Loyola, 1996.

GONZAGA, Karine Cardoso. *Práticas Epistêmicas Críticas e Questões Sociocientíficas no Ensino de Ciências: Um olhar para as questões étnico-raciais*. 2025. Dissertação (Mestrado em Ensino de Biologia) - Ensino de Ciências (Física, Química e Biologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2025. doi:10.11606/D.81.2025.tde-20082025-150625.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Pesquisa nacional de saúde do escolar: 2024*. Rio de Janeiro: IBGE, 2026. 237 p.

IWAKAMI, Victor Hugo da Silva; NASCIMENTO, Rafael Caetano do; WUNDER, Alik. Outras florestas, outras imagens: o ensino de Biologia em alianças afetivas com as artes e literaturas indígenas. *Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio*, v. 2, n. 2, p. 244–263, 2025.

JESUS, D. B.; ARAUJO, D. C. A ciência continua branca: sub-representatividade negra em livros didáticos de Biologia. *Olhares*, v.1, n.1, p. 1-10, 2025.

LAGO, Alex Oliveira do *et al.* Entre Darwin e Oxalá: re-existência, atos de currículo, descolonização do saber e decolonialidade epistêmica no ensino de Ciências Naturais no contexto de uma escola de terreiro. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2025.

LIMA, Denise Maria Soares. *Corpos negros, linguagens brancas: o mito da boa-aparência*. Curitiba: Appris, 2021.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v.1, n.1, p. 1-15, 2000.

MACEDO, Elizabeth. A imagem da ciência: folheando um livro didático. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 25, n. 86, p. 103–129, abr. 2004.

MAFTUM, Gustavo Jorge *et al.* Triagem para distúrbios emocionais e psicossociais em crianças e adolescentes com excesso de peso. *Residência Pediátrica*, v. 11, n. 3, p. 1–5, 2021. DOI: <https://doi.org/10.25060/residpediatr-2021.v11n3-224>.

MARONN, Tainá Griep; RIGO, Neusette Machado. O corpo humano nos livros didáticos de Ciências: uma análise discursiva. *Revista Interdisciplinar em Ensino de Ciências e Matemática*, v. 2, n. 2, p. 274–293, 2022.

Minayo, MCS; Costa, AP. Técnicas que fazem uso da Palavra, do Olhar e da Empatia: Pesquisa Qualitativa em Ação. Aveiro: Ludomedia, 2019. p. 63–63.

NETO, Jéssica Lopes; SELLES, Sandra Escovedo; VALIENTE, Carine. Ensino de Biologia e racismo: representações de corpos negros em coleções didáticas de Ciências da Natureza e suas tecnologias. *Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio*, v.1, n.1, p. 831–852, 2022.

PARANHOS, Will; JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luisa. "Por uma escola gorda!": difrações a partir do ativismo e estudos do corpo gordo. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 75, p. 150–165, 2023.

QUADRADO, Raquel P.; RIBEIRO, Paula Regina Costa. O corpo na escola: alguns olhares sobre o currículo. *Enseñanza de las Ciencias*, n. Extra, p. 1–4, 2005.

RODRIGUES, Marta; LEITE, Cristina. Ensino de Ciências da Natureza e diversidade: epistemologias emergentes em periódicos latino-americanos. *RELACult: Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, v. 7, n. 2, p.1-10, 2021.

SILVA, Cicero Amilton Oliveira da. *Educação inclusiva : representação de pessoas com deficiências em uma coleção de livros didáticos de biologia para o ensino médio*. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2024.

SILVA, Jádisson Gois da. Corpo gordo, discursividades midiáticas e o fenômeno da gordofobia: uma análise crítico-reflexiva e problematizadora. 2023. 163 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2023.

SILVA, Yuri Jorge Almeida; SÁ-SILVA, Jackson Ronie. O corpo humano biológico e cultural no ensino de Ciências: uma análise a partir de livros didáticos. *Revista Contemporânea*, v. 4, n. 8, p. e5477, 2024.

SOUZA, Valdelice Cruz da Silva. Os sentimentos e as representações sociais sobre gordofobia entre pré-adolescentes no contexto escolar de Sidrolândia/MS. 2020. 165 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/4359>. Acesso em: 23 jul. 2026.

SOUZA, Valdelice Cruz da Silva; GONÇALVES, Josiane Peres. Investigação sobre gordofobia: estado do conhecimento em teses e dissertações. *Interfaces da Educação*, v. 11, n. 31, p. 363–387, 2020.

TAVARES, Geórgia de Souza; CHAVES, Sílvia Nogueira. "Esse corpo é meu?": corpos humanos nas/das Ciências. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, v. 8, n. 16, p. 91–100, 2015.

WUNDER, Alik; MARQUES, Davina; AMORIM, Antonio Carlos. Pesquisa-experimentação com imagens, palavras e sons: forças e atravessamentos. *Visualidades*, Goiânia, v. 14, n. 1, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5216/vis.v14i1.43043>.